

A URGÊNCIA DO INDIZÍVEL: AS CONTRIBUIÇÕES DE PRIMO LEVI

APRESENTAÇÃO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i32p10-16>

Rogério Ferreira de Souza¹

[...] As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ao mesmo tempo, incorporando elementos estranhos.

(LEVI, 2016 [1986], p. 17)

O ano de 2019 marcou o centenário de um dos mais proeminentes e instigantes escritores mundiais, Primo Levi (1919-1987). Um dos poucos sobreviventes dos campos de concentração Auschwitz-Birkenau, Levi, ao retornar de sua experiência traumática como prisioneiro do “campo da morte” nazista, empenhou-se em revelar e descrever, como intérprete de si mesmo, uma literatura peculiar, sensível e perturbadora dos campos de concentração. Um retrato íntimo, indescritível de um dos episódios mais traumáticos da nossa civilização – a *Shoah*.

Ao encarar novamente seus alagoes por meio da memória, Primo Levi traz para um público maior não só a dor indizível e a estúpida sensação de desumanidade, mas também, como o próprio autor aponta no prefácio de sua primeira obra *É isto um homem?* (1988 [1947]), documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana. Compõe uma

¹ Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

espécie de sociologia da *Shoah*, onde são tratados os pormenores do sistema que estruturava o dia a dia dos campos de concentração nazista cujo objetivo final era a eliminação e a desumanização da vida, temática que será retomada décadas mais tarde na obra de Giorgio Agamben (2008; 2010).

A obra desse sobrevivente do *Lager* trouxe inúmeras contribuições para os campos da Literatura, Filosofia, Memória Social, Política e a Sociologia. Desde a sua primeira obra ao seu último livro, “Os afogados e sobreviventes” (1986) – passando por poemas, ensaios, romances e contos, o ator-testemunha de si mesmo desorienta-nos através de suas narrativas sobre os aspectos da ordem civilizatória e as facetas mais terríveis da humanidade. Walter Benjamin (1892-1940), em seu ensaio “Experiência e Pobreza” (1996 [1933]), intuía que os sobreviventes dos campos de batalha da Primeira Grande Guerra, as “Guerras de Trincheiras”, voltavam pobres de experiências comunicáveis, pois não havia até então “experiências mais radicalmente desmoralizadas [...]”. O silêncio era a marca da experiência, a marca da “nova barbárie”. Em seu ensaio “Crítica cultural e Sociedade”, escrito em 1949, Theodor Adorno expõe uma frase polêmica, “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro [...]”, afirmando que, a partir da experiência humana com os campos de concentração, seria “impossível escrever poemas”. Uma crítica radical à cultura moderna após o *intermezzo* nazifascista.

Em uma espécie de trilogia da memória de Auschwitz – *É isto um homem?* (1947); *A trégua* (1963); e *Os afogados e os sobreviventes* (1986), Primo Levi refaz em tom testemunhal o caminho de sua prisão, do trajeto até o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, sua chegada, permanência e sobrevivência, a difícil peregrinação de volta à Itália e por fim, já como autor consolidado e um dos principais representantes da literatura de testemunho, revisita criticamente sua primeira obra refazendo o caminho reflexivo da experiência do *Lager*. Nas palavras do próprio Levi:

[...] a verdade sobre os *Lager* veio à luz através de um caminho longo e de uma porta estreita, e muitos aspectos do universo concentracionário ainda não foram aprofundados. Já transcorreram mais de quarenta anos desde a libertação dos *Lager* nazistas; este considerável intervalo suscitou, em termos de esclarecimento, efeitos diferenciados, que buscarei arrolar. (LEVI, 1990, p. 13)

Primo Levi buscou, através de sua obra, responder também intrigantes perguntas e indagações inquietantes advindas de um certo “senso comum” que se instituiu no pós-*Shoah*: por que os judeus não fugiram? Por que não se rebelaram? Só os nazistas são os culpados? Questões que, nas palavras de Levi, se tornavam “fenômenos obscuros do *Lager*” (*Idem*, p. 15). Mas, mais do que responder às críticas sobre as

narrativas dos testemunhos anos após o fim da segunda grande guerra, o autor-sobrevivente de Auschwitz imbuía-se na missão do não esquecimento. Primo Levi esteve, através de sua obra, num engajamento ético da luta pela memória e contra o esquecimento. Como testemunha do inenarrável, advertia que a missão mais importante ou o fim mais ambicioso era tentar responder:

[...] em que medida o mundo concentracionário morreu e não retornará mais, como a escravidão e o código dos duelos? Em que medida retornou ou está retornando? Que pode fazer cada um de nós para que, neste mundo pleno de ameaças, pelo menos esta ameaça seja anulada? (LEVI, 1990, p. 15)

A força ética da literatura de testemunho expressada na obra de Primo Levi foi acompanhada de outros relatos de sobreviventes que, a partir da década de 1960, fizeram emergir inúmeras manifestações culturais no campo da literatura, das artes plásticas e da arquitetura, como a construção de vários monumentos em torno da temática da *Shoah*. Era exigido um novo marco civilizacional, e as denúncias às atrocidades dos campos de concentração criaram uma “onda memorialista”, que abarcou parte das últimas décadas do século XX, constituindo um campo investigativo, tanto epistemológico como político. Não obstante, as últimas décadas do século XX representaram a consolidação da “cultura da memória e da política da memória” em âmbitos transnacionais, quicá globais, como expôs Andreas Huyssen (2014, p. 135). E sem sombra de dúvidas, o conjunto da obra de Primo Levi é, em grande parte, responsável por esse movimento.

Este movimento buscou descortinar o incomensurável indizível da estética desumanizadora dos campos de concentração e a natureza política entranhada no modelo de dominação, sob o signo do “estado de exceção”. Uma temática que, desde os enigmas kafkianos em *O Processo* (2005 [1925]), as intuições nos escritos *Sobre o conceito de História* de Walter Benjamin (1996 [1940]), passando por Michel Foucault em *História da sexualidade 1: vontade de saber* (2014 [1970]) até Giorgio Agamben em *Homo Sacer III: O que resta de Auschwitz* (2010), vem sendo discutida como sendo um paradigma sobre a operacionalidade prática das políticas de exceções do estado autoritário, mas também nas suas feições democráticas. Agamben aponta para os campos de concentração como o paradigma da biopolítica moderna, como linhas moveis e tênues que institui certos dispositivos de dominação sobre a vida.

No mesmo passo que se afirma a biopolítica, assiste-se, de fato, a um deslocamento e a um progressivo alargamento, para além dos limites do estado de exceção, sobre a vida nua na qual consistia a soberania. (...) tal linha não mais se apresenta hoje como um confim fixo a dividir duas zonas claramente distintas;

ela é, ao contrário, uma linha em movimento que se desloca para zonas sempre mais amplas da vida social, nas quais soberano entra em simbiose cada vez mais íntima não só com o jurista, mas também com o médico, com o cientista, com o perito, com o sacerdote. (2010, p. 119)

Se, num primeiro momento, o silêncio sobre as atrocidades do *Lager* fez-se necessário devido ao peso traumático que representou tamanha experiência, o testemunho de Levi e de muitos outros sobreviventes fez-se forte, reverberou e se desdobrou em inúmeros movimentos de direito à memória e à luta contra os dispositivos biopolíticos de controle sobre as narrativas que produzem o esquecimento. E é nesse sentido que a obra de Primo Levi e o seu legado se desdobram, se refazem e se constituem em testemunho vivo e reflexivo, para que, mais do que nunca, não nos esqueçamos dos perigos que um estado fascista e totalitário (de exceção) possa trazer para humanidade. Destarte, este pequeno conjunto de ensaios propõe, primeiramente, homenagear o centenário de Primo Levi, reafirmando a grande importância que teve e tem sua obra literária, poética e ficcional para as humanidades, em segundo, a trazer ao público leitor quatro novos artigos destinados a pensar e debater o legado de Primo Levi, destacando a sua atualidade e a sua importância.

Após esta introdução, o artigo que abre a seção temática é de Maurício Santana Dias, intitulado “Primo e ‘eu’”: uma montagem de risco. Neste instigante e generoso artigo, Mauricio Dias foge, provocativamente, da forma tradicional dos artigos acadêmicos ao narrar a sua própria experiência de escrever um artigo sobre Primo Levi, um autor tão íntimo e importante em sua trajetória acadêmica e pessoal. Se por um lado Primo Levi ousou em grande parte de sua obra testemunhal explorar os limites da representação, buscando com a sua literatura e com a sua poesia a tarefa árdua, mas necessária, de representar o irrepresentável, o indizível dos campos de concentração, Maurício Dias, por sua vez, ousa explorar os limites da forma ao propor uma conversa franca com o leitor, tendo Primo Levi como testemunha do trabalho de tradução da sua obra. Maurício Dias conduz o leitor aos caminhos e descaminhos que surgem durante os momentos difíceis da criação. Ao narrar as suas escolhas, caminhos ou uma “picada a ser aberta na selva”, o autor apresenta um mosaico ou, melhor, uma “montagem de risco” com “pequenas peças de tradução”, que se unirá, ao fim do artigo, a um conjunto de referências de autores importantes que fizeram parte, ao longo de duas décadas, de sua trajetória como tradutor e estudioso da obra e vida de Primo Levi. O artigo que Maurício Dias nos oferece é fruto de sua proximidade e intimidade com o ilustre escritor de Turim. E assim, nesse misto de caminhos da escrita e da tradução, Dias proporciona ao leitor participar e refletir com ele sobre os desafios da escrita, sem, no entanto, deixar de lado o rigor e o cuidado que merece todo artigo que trata da valiosa obra de Primo Levi.

Em seguida, a coletânea traz o artigo de Andréa Borges Leão e Cristian S. Paiva, “As interdependências humanas em Primo Levi. Diálogo com Norbert Elias”, que traz para o público uma discussão do ponto de vista sociológico, tendo como principal aporte teórico os conceitos de figurações sociais, psicogênese e sociogênese, discutidas no *Processo civilizador* de Norbert Elias, pensador social alemão de grande envergadura intelectual, autor de várias obras, dentre elas *A sociedade de Corte*, e *Os Alemães*. Elias, assim como Primo Levi, era de família judia. Mesmo conseguindo escapar do estado nazista após a ascensão de Hitler e se refugiar na Inglaterra, viu seus pais serem vítimas no nazismo, com sua mãe exterminada em Auschwitz “três anos antes da chegada de Primo Levi”. No artigo, os autores analisam a obra de Primo Levi, em especial *A tabela periódica*, livro que reúne 21 contos em que cada capítulo leva o nome de um elemento químico. Nele, como ressaltam os autores, “[...] Primo Levi inventa uma forma literária com textos curtos, reunidos por um fio cronológico que acompanha, a um só tempo, a formação profissional e o relato nas figurações de sobrevivência [...]”. Daí a instigante análise apresentada pelos autores do artigo, em que ciência, técnica, processo civilizacional são refletidos à luz do testemunho do sobrevivente do *Lager*. Trauma, dor e perda são partes que configuram as narrativas testemunhais. Andréa Borges Leão e Cristian Paiva destacam “uma metodologia das narrativas do eu’, permitindo-nos desvelar as articulações entre escrita de si, relato e figurações de sobrevivência”.

O terceiro artigo a compor o conjunto é de Pedro Caldas, “O evento limite em Primo Levi”: uma leitura de *Os afogados e os sobreviventes*. Nele, o autor discorre sobre a possibilidade de tomar a ideia de *evento limite*, tão presencial na obra *Os afogados e os sobreviventes*, como “estrutura conceitual” ou, como o próprio autor disserta, “o limite a partir de uma relação com o outro: o limite de falar como um outro de si mesmo, o limite de falar para o outro, o limite de falar pelo outro e o limite de falar do outro”. Para essa empreitada, Pedro Caldas, como historiador e um profundo estudioso da obra de Primo Levi, faz uso, além da obra supracitada, de entrevistas e vários autores que discutem a experiência como algo limítrofe, dentre eles Walter Benjamin.

Caldas se debruça sobre *Os afogados...* em busca de pistas que justifiquem sua proposta, no qual, a partir da ideia do evento limite e seus significados, poderíamos, segundo o autor, “ler a escrita de um sobrevivente menos como documento descritivo de situações extremas e mais como cerne de uma teoria”, na tentativa de configurar de forma mais qualificada e escapando ao “binarismo possível na relação entre sujeito impotente e objeto resistente”, para um alargamento do sentido do “limite” enquanto enunciado de algo subscrito ao impedimento, mas, diferentemente, como o lugar “onde se pode explorar uma riqueza vocabular”.

Fechando a seção, Anna Basevi, com “A sombra dos submersos”, apresenta ao público uma discussão sobre a ideia dialética entre “submersos e salvos”. Salvos, por serem sobreviventes, como apontado no artigo anterior, do evento limite do campo de concentração e da *Shoah*, porém, imersos nos traumas, lutos e dores que não os deixam esquecer. Ou seja, no âmbito da representação, como se processar discursivamente “os únicos que desceram até o fundo e poderiam devolver um testemunho realmente integral”. É a partir da obra inaugural de Primo Levi que a autora investigará a complexa questão vivida por Levi em sua vida: “quem sobrevive e a tarefa do testemunho”. Em outras palavras, saudar à vida por ter sobrevivido, mas, ao mesmo tempo, ter que revisitar as agruras e traumas como compromisso ético de expor ao mundo aquilo que estava submerso na memória de cada um que sobreviveu. A categoria sobrevivente exposta na obra de Primo Levi também revela “zonas cinzentas” daqueles que lutaram pela vida nos campos de concentração. Expõe nos pormenores o processo de aniquilamento do sujeito, que tomou de assalto, a cada um dos prisioneiros, numa contínua desumanização, onde sentimentos nobres de ética, moral, humanidade e compaixão submergiam frente à realidade imposta, sobrando, após a libertação, a vergonha. Mas é dessa vergonha que o testemunho faz-se necessário e imperativo.

Por fim, confiamos que os textos reunidos na seção expressam, cada um em sua proposta, a importância que a obra de Primo Levi tem ainda para a nossa contemporaneidade. Os autores dos artigos buscaram atualizar as discussões e análises em torno do rico legado poético, testemunhal, literário, sociológico e filosófico deixado por Primo Levi, autor ímpar, que ousou testemunhar urgentemente o indizível, sem, no entanto, deixar de sonhar poeticamente por dias melhores para humanidade:

Queria acreditar em algo além,
Além da morte que a desfez.
Queria dizer a força
Com que outrora desejamos,
Nós, já submersos,
Poder mais uma vez juntos
Caminhar livremente sob o sol.

(Poema “25 de fevereiro de 1944” *in*: LEVI, 2019 [1946])

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*. São Paulo: Zahar, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2008
- _____. *O que resta de Auschwitz*. Homo Sacer III. São Paulo: Boitempo, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- HUYSEN, Andreas. *Cultura do passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988
- LEVI, Primo. *A Trégua*. São Paulo: Companhia de bolso, 2010.
- LEVI, Primo. *Mil sóis: poemas escolhidos*. Trad. e org. de Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em 29 de outubro de 2020

Aceito em 30 de outubro de 2020

Rogério Ferreira de Souza é doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com bolsa FAPERJ Doutorado Nota 10. Tem experiência nas áreas de Teoria Social da Memória – coletiva e social; Sociologia da Cultura e Estudos sobre periferias. Organizou as seguintes obras: *Deserdados: dimensões das desigualdades sociais* (2007); *Sociedade em Perspectiva* (2012); *Cultura, Memória e Poder: diálogos interdisciplinares* (2013), além de vários artigos sobre as temáticas memória, teoria social e luta por justiça. Atua como professor e coordenador do Programa de Mestrado em Sociologia Política IUPERJ, da Universidade Cândido Mendes (UCAM). É coordenador do Laboratório de Estudo da Cidade e Cultura (LECC) e do Grupo de Pesquisa Cultura e Identidades Contemporâneas junto ao CNPq. Coordenou a pesquisa Subalternidade, Memória e Segurança Pública, financiada pela FAPERJ (2013-2014). Atuou como membro *ad hoc* do Comitê Científico para Publicações da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) (2017-2019). Coordena o comitê de pesquisa Memória e Sociedade, junto à SBS. Atualmente atua como coordenador adjunto do projeto Relatos do Cotidiano durante a pandemia do Covid-19. Contato: rogeriosouza@iuperj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9769-1159>